



EDITORIAL

O QUE MARX TERIA A NOS DIZER SOBRE A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL?

A inteligência artificial (IA) está cada vez mais presente em nossas atividades de trabalho, assim como em nossos momentos de lazer. Diante da expansão dessa tecnologia e das suas surpreendentes aplicações, temos nos deparado com previsões divergentes. Pessimistas veem na IA o germe de um eminente apocalipse da humanidade, que estaria prestes a ser dominada pelas máquinas e pelos algoritmos. Em direção oposta, estão os diagnósticos daqueles que supõem que a IA iria fundar as bases de uma nova sociedade, livre do fardo do trabalho humano. Dentre os arautos do capital, prevalece o discurso dos que alegam que a inteligência artificial generativa seria uma panaceia para um novo ciclo de expansão exponencial de lucros. Porém, alguns notórios representantes do mercado e do capital fictício, como *Goldman Sachs*, colocam em dúvida as promessas de retornos financeiros desses empreendimentos.¹

Prognósticos tão discrepantes ensejam uma pertinente pergunta. O que Marx teria a nos dizer sobre a inteligência artificial?

Em seu tempo, Marx dissecou fenômeno semelhante: a relação dialética entre a tecnologia da automação industrial e o conjunto das relações sociais que constituem a sociabilidade capitalista que, em sua essência, permanecem vigentes até hoje. Vejamos como as reflexões de Marx podem lançar luz no fenômeno contemporâneo da IA.

Em primeiro lugar, devemos evitar cair nas armadilhas das análises fetichistas. Segundo Marx (2013, 2014, 2017), o fetichismo não representa, como entende o senso comum, um desejo compulsivo. O fetichismo representa a ilusória projeção, em coisas, de características que são próprias da sociabilidade capitalista, como se essas características pertencessem à natureza das coisas. Graças ao fetichismo, temos dificuldades de perceber o conjunto das relações sociais que está oculto por trás das aparências das atividades humanas e dos frutos do espírito humano. E o “conjunto das relações sociais”, nos lembra Marx, é a “essência humana” (2007, p. 534).

Portanto, para desfetichizar a IA, precisamos reconhecer os trabalhos humanos que estão ocultos por trás das aparências fenomênicas dessa tecnologia. Afinal, exceto na ficção científica, a tecnologia não é capaz de se autonomizar em relação à força de trabalho humana, ou seja, a IA não é capaz de se autoproduzir. Ela é produzida por um tipo de trabalho coletivo que é executado por pessoas com diferentes qualificações como, por exemplo, o trabalho de concepção e aprimoramento de

¹ Vide relatórios disponíveis em: <https://www.goldmansachs.com/insights/artificial-intelligence>. Acesso em 10 set. 2024.

algoritmos, o trabalho de criação de conteúdos que alimentam o “aprendizado de máquina” e o trabalho de supervisão desse “aprendizado” que, frequentemente, produz resultados que têm sido chamados de delírios ou alucinações da IA. Além disso, nesse trabalho coletivo também estão incluídas as atividades de concepção, produção e operação de equipamentos que ficam na nuvem, equipamentos de provedores de conexão que transmitem nossos *bytes* e equipamentos dos usuários da IA. Como se percebe, estamos diante de um complexo conjunto de relações sociais.

Software e hardware constituem a base material da IA, que assume a forma social de um velho conhecido, o capital constante. As contradições entre essa base técnica e o modo de produção capitalista geram novas manifestações daquilo que, nos termos de Marx (2013, 2022), pode ser designado subsunção real do trabalho sob o capital. Parafraseando o autor, a base técnica da IA é “trabalho morto, que, como um vampiro, vive apenas da sucção de trabalho vivo, e vive tanto mais quanto mais trabalho vivo suga” (Marx, 2013, p. 307).

As noções de alienação e estranhamento, que Marx emprega desde a sua juventude (2010), também podem ser usadas para caracterizar o papel da IA nas dinâmicas capitalistas da atualidade. A inteligência artificial é um típico caso de alienação pois trata-se de um produto da criação humana que, ao ser incorporado ao capital constante das *big techs*, não pertence mais aos trabalhadores(as) que criam e aprimoram permanentemente essa tecnologia. Mais do que isso, como esse fruto do trabalho humano volta-se contra seu criador e passa a subordiná-lo, revela-se um caso não só de alienação, mas também de estranhamento. Trata-se de um caso exemplar de inversão da relação sujeito objeto, típica do modo de produção especificamente capitalista.

Mas é sobretudo na obra madura de Marx (2013, 2022) que podemos encontrar uma reveladora exposição do papel da tecnologia na sociabilidade do capital. Marx decifrou o enigma de François Quesnay ao demonstrar que, quando inovações tecnológicas resultam na redução do emprego de trabalho humano na produção capitalista, o capital está, na verdade, ampliando a extração de mais-valia relativa (Heinrich, 2018; Marques, 2022).

Se por um lado as tecnologias e a automação de fato reduzem o trabalho humano em alguns segmentos das cadeias produtivas, por outro lado seria grande equívoco supor, como pensam muitos, que, com a expansão da IA e suas aplicações, o trabalho humano será extinto. Conforme acertadamente aponta Benanav (2019a, 2019b), não está em curso a ampliação do desemprego em massa, mas sim um contínuo crescimento do subemprego. Com a expansão das tecnologias, os trabalhos complexos, que exigem elevada qualificação profissional, tendem a ser executados por uma reduzida aristocracia de trabalhadores(as) muito bem remunerada. Mas, por outro lado, não são eliminados os trabalhos simples que exigem baixa qualificação e são mal remunerados. Portanto, o uso da informação e do conhecimento nos processos produtivos capitalistas tem tido um papel fundamental não apenas na ampliação das contradições entre capital e trabalho, mas também na ampliação das contradições dentro da classe trabalhadora (Marques, 2017).

Esses diagnósticos não podem, porém, desembocar em conclusões maniqueístas. De fato, a inteligência artificial assume atualmente uma forma social tipicamente capitalista. Mas essa é uma realidade do tempo histórico presente e não está bloqueada, a priori, a possibilidade de a tecnologia assumir futuramente uma forma social diversa da atual.

Porém, para que uma mudança tão radical ocorra, é necessário superar um obstáculo que é a dicotomia entre trabalho manual e intelectual que é marca da classe trabalhadora sob o julgo do capital (Marx, 2012; 2013).

Outro obstáculo imprescindível para que a IA assuma uma forma social distinta da atual é o fim da assimetria de informação que legitima que os códigos dos algoritmos sejam tratados como segredo industrial e sejam objeto de políticas de secretismo por parte das empresas privadas que os detêm. Essa é uma barreira difícil de ser superada pois envolve não somente as contradições que residem no interior dos processos produtivos capitalistas, mas também as contradições entre Estados que disputam poder e dinheiro na arena da soberania digital.

Além disso, um terceiro obstáculo impede atualmente o uso plenamente emancipatório da IA. As *big techs* são agentes essenciais de um tipo de imperialismo monopolista que guarda semelhanças com aquele descrito por Lenin (2012), isto é, uma simbiose entre capital industrial e capital financeiro, na qual a constituição de monopólios é a lei geral.

No fundo, precisamos ter em mente que, se atualmente a tecnologia assume uma forma social tipicamente capitalista, ela pode no futuro não estar a serviço do capital, mas sim da emancipação humana. Nesse sentido, Marx nos conclama a não nos revoltarmos contra a tecnologia, pois ela é apenas uma “forma determinada do meio de produção, [...] base material do modo de produção capitalista” (2013, p. 500). O inimigo a ser combatido, explica Marx, é a forma social de exploração da tecnologia:

Foi preciso tempo e experiência até que o trabalhador distinguisse entre a maquinaria e sua aplicação capitalista e, com isso, aprendesse a transferir seus ataques, antes dirigidos contra o próprio meio material de produção, para a forma social de exploração desse meio (2013, p. 501).

O corpo editorial da revista *Trabalho & Educação* deseja a todos(as) uma ótima leitura dos textos deste novo número que ora publicamos (v. 33, n. 2, 2024).

Rodrigo Moreno Marques²

Em nome do corpo editorial da revista *Trabalho & Educação*.

² Doutor e mestre em Ciência da Informação pela Escola de Ciência da Informação (ECI) da UFMG. Professor e pesquisador da Escola de Ciência da Informação da UFMG, no Departamento de Teoria e Gestão da Informação

REFERÊNCIAS

- BENANAV, Aaron. Automation and the future of work (parte 1). **New Left Review**, n. 119, 2019a.
- BENANAV, Aaron. Automation and the future of work (parte 2). **New Left Review**, n. 120, 2019b.
- HEINRICH, Michael. The 'Fragment on Machines': A Marxian Misconception in the Grundrisse and its Overcoming in Capital. *In*: BELLOFIORE, R.; STAROSTA, G.; THOMAS, P. D. (Orgs.). **In Marx's Laboratory: Critical Interpretations of the Grundrisse**. Leiden: Koninklijke Brill NV, 2013.
- LENIN, Vladimir Ilitch. **Imperialismo, estágio superior do capitalismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- MARQUES, Rodrigo Moreno. Polarization of information and knowledge: a dialectical approach. **International Review of Information Ethics**, v. 26, p. 16-25, 2017.
- MARQUES, Rodrigo Moreno. Intelecto geral: origem e superação de um equívoco de Karl Marx. **Trabalho & Educação**, v. 31, p. 47-67, 2022.
- MARX, Karl. Teses Ad Feuerbach. *In*: MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MARX, Karl. **Crítica do programa de Gotha**. São Paulo: Boitempo, 2012.
- MARX, Karl. **O Capital** – Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, Karl. **O Capital** – Livro II. São Paulo: Boitempo, 2014.
- MARX, Karl. **O Capital** – Livro III. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MARX, Karl. **Capítulo VI (inédito)**: manuscritos de 1863-1867. São Paulo: Boitempo, 2022.